

# A Traição de Jesus É Preditada e um Novo Mandamento É Dado

## (13:18-38)

### JESUS PREDIZ A TRAIÇÃO DE JUDAS (13:18-30)

<sup>18</sup>Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura:

Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar.

<sup>19</sup>Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou. <sup>20</sup>Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou.

<sup>21</sup>Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá. <sup>22</sup>Então, os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia. <sup>23</sup>Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; <sup>24</sup>a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. <sup>25</sup>Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? <sup>26</sup>Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. <sup>27</sup>E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa. <sup>28</sup>Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto. <sup>29</sup>Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres. <sup>30</sup>Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite.

Depois de ilustrar a atitude amorosa de serviço

que Jesus queria que seus discípulos tivessem, ele entrou no assunto sombrio da traição. O momento de sua morte se aproximava rapidamente, e ele sabia que Judas estava prestes a iniciar a sequência dos atos que culminariam nesse momento. Jesus falou sobre isso aos discípulos, identificando o traidor com uma linguagem enigmática.

**Versículo 18.** Jesus disse que a lição que ele acabara de ensinar em teoria e na prática (13:1-17) não se aplicava a todos os discípulos, pois Judas estava prestes a traí-lo: **Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi.** Mais uma vez, João mencionou a traição de Judas (veja 6:71; 12:4; 13:2); e Jesus acabara fazer alusão a ela quando disse: “Vós estais limpos, mas não todos” (13:10). Ele podia dizer isso porque conhecia os homens que escolhera. Jesus não foi enganado nem surpreendido pela traição de Judas. Ele “sabia o que era a natureza humana” (2:25) e, portanto, sabia quem dentre os que estavam comprometidos com ele havia ocultado no coração o ato traiçoeiro. Jesus disse que o feito de Judas visava cumprir a **Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar.** Isso não significa que Judas agiu sob compulsão divina. Jesus, tendo conhecimento absoluto, sabia o que Judas escolheria livremente fazer. O fato de Jesus saber disso de modo algum predeterminou a traição de Judas. Embora ser traído por um de seus discípulos tenha sido previsto por Jesus, foi uma escolha pessoal de Judas voltar-se contra seu Senhor.

A passagem citada é Salmo 41:9, em que o salmista parece se referir à conspiração de Aitofel. Esse conselheiro de confiança e amigo íntimo do rei Davi, juntamente com Absalão, rebelou-se contra Davi (2 Samuel 15:12, 31). A passagem faz parte de um lamento de Davi ao sofrer por causa da ma-

ledicência e da conspiração articuladas por amigos. O que piorava a situação era ter sido traído por amigos. Davi escreveu: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”. Essa passagem é um bom exemplo do cumprimento duplo de algumas profecias. Davi tinha inimigos reais quando lançou esse clamor a Deus. Sendo um rei ungido de Deus, ele prefigurou o Ungido, Jesus. Quando Jesus citou a segunda metade do Salmo 41:9, ele também tinha um inimigo sentado à mesa com ele. Sabemos que o salmo como um todo não se aplica a Jesus ao lermos versículos como 41:4, em que Davi admitiu que havia pecado, e em 41:10, em que orou para que Deus o levantasse a fim de se vingar dos inimigos.

Comer pão à mesa dos superiores sinalizava uma promessa de lealdade (veja 2 Samuel 9:7; 1 Reis 18:19; 2 Reis 25:29) e “trair aquele com quem se tinha comido pão... era uma tosca violação das tradições de hospitalidade”<sup>1</sup>. A traição de Judas significou o epítome da corrupção moral.

A dificuldade da expressão “levantou contra mim seu calcanhar” se evidencia na variedade de interpretações que lhe foram atribuídas. Guy N. Woods defendeu que se trata de “uma figura emprestada da luta corpo a corpo”, “quando um [lutador] faz o [adversário] cair”<sup>2</sup>. F. F. Bruce traduziu por “me fez tomar uma grande queda” ou “tirou uma vantagem cruel de mim”<sup>3</sup>. Leon Morris afirmou que era “uma metáfora derivada do cavalo quando levanta o casco para dar um coice”<sup>4</sup>. Raymond E. Brown disse: “No Oriente Próximo, mostrar a planta do pé é um gesto de desprezo”<sup>5</sup>. C. K. Barrett sugeriu que é “o ato de quem ‘sacode a poeira de seus pés contra’ o outro”<sup>6</sup>. J. H. Bernard

disse que significa “violência brutal”<sup>7</sup>. Eric F. F. Bishop, com base em uma experiência pessoal em Israel, atribuiu à expressão o significado de “uma revelação de desprezo, traição e até animosidade”. Se isto fosse aplicado a Judas, sugeriria que, “no íntimo do seu ser, ele realmente desprezou seu Senhor”<sup>8</sup>. Seja qual for o significado exato da expressão, o cerne da questão parece ser que Jesus estava sendo traído por um amigo muito próximo e querido. Isso era impensável!

**Versículo 19.** Jesus disse aos seus discípulos: **Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou.** Jesus disse expressamente que essa predição fora feita para fortalecer a fé dos seus seguidores, na hora crítica da traição. Se os demais discípulos fossem pegos de surpresa pela traição de Judas, poderiam pensar que Jesus fora traído por causa da astúcia e engenhosidade de Judas. Poderiam, com isto, concluir que Jesus não era o Senhor e Mestre onisciente no qual haviam crido. A fé dos discípulos, ainda imatura a essa conjuntura, poderia ser destruída. Jesus assegurou-lhes que ele estava bem ciente do que em breve sucederia e demonstrou total autoridade sobre a situação, garantindo que, mais tarde, eles entenderiam que essa traição foi exatamente conforme ele previu. Daí então, eles teriam certeza de que ele era Senhor de todas as situações, incluindo a traição que sofreu. Desta forma, Jesus enfatizou que “ele não foi a vítima enganada e indefesa de uma traição inesperada, e sim o enviado de Deus para efetuar seu eterno propósito com calma e sem medo, cumprindo o que Deus planejou que ele fizesse”<sup>9</sup>.

A fé que Jesus almejava que seus discípulos tivessem era a crença na sua alegação: “Eu Sou” (ἐγώ εἰμι, *egō eimi*). Essa expressão era usada no sentido coloquial de “sou eu” (6:20; 9:9); mas em João ela costuma ser empregada para expressar uma das designações divinas, ecoando Êxodo 3:14: “Eu Sou O QUE SOU” (veja os comentários em 8:22–24, 57, 58). Ao dizer “Eu Sou” Jesus estava alegando ser divino, o que reforçava o fato de que ele não estava

<sup>1</sup> J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 2, p. 467.

<sup>2</sup> Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 291.

<sup>3</sup> F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 287.

<sup>4</sup> Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 553.

<sup>5</sup> Raymond E. Brown, *The Gospel According to John* (xiii–xxi), The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 554.

<sup>6</sup> C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2a. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 445.

<sup>7</sup> Bernard, vol. 2, p. 468. B. F. Westcott disse que se trata da “noção da violência bruta” (B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 193).

<sup>8</sup> Eric F. F. Bishop, “‘Aquele que comigo come pão levantou o calcanhar contra mim’ – João xiii. 18 (Salmos xli. 9)”, *Expository Times* 70. Agosto de 1959, p. 332.

<sup>9</sup> Morris, 553.

absolutamente indefeso ou enganado. Na declaração de 13:19, Jesus estava se referindo sutilmente à traição de Judas, que ainda não havia acontecido, mas em breve aconteceria.

**Versículo 20.** Assim como em 13:16, Jesus usou novamente a afirmativa solene **em verdade, em verdade** para sublinhar a importância do que ele estava prestes a dizer: **quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou.** Essa fala é comparável à que está registrada em Mateus 10:40 (veja Marcos 9:37; Lucas 10:16). Como já vimos neste Evangelho, Jesus comentou várias vezes o fato de que ele era o “enviado” de Deus (veja 3:17; 5:23; 12:44–50; 13:16) e ele retomaria esse tema em 17:18. A declaração de Jesus antecipava a comissão aos discípulos, pois ele estava comparando a sua missão com a que ele em breve confiaria a eles (veja 20:21). Essas palavras – juntamente com a incumbência de que deveriam ser embaixadores de Jesus – devem ter sido encorajadoras para os discípulos.

**Versículos 21 e 22.** João inseriu a frase transitiva **ditas estas coisas**, a fim de preparar o leitor para o que estava por vir. Anteriormente, Jesus tinha feito uma referência a quem iria traí-lo. No presente contexto, ele fez duas vagas menções sobre a traição iminente (13:10, 18); contudo, ele não disse nada claramente<sup>10</sup>. Nesse momento, ninguém além de Judas sabia a verdade sombria que Jesus estava prestes a lhes contar. Saber que um de seus discípulos estava para traí-lo **angustiou-[lhe] em espírito** (veja os comentários sobre 11:33–35; 12:27, 28). João por vezes apresentou Jesus como Senhor em qualquer situação; porém, sem hesitar, ele também lembrou seus leitores da humanidade de Jesus. Jesus estava em um turbilhão emocional, profundamente angustiado diante da ideia de que um dos seus o trairia e entregaria aos seus inimigos.

A gravidade da situação veio à tona com o que Jesus **afirmou** (de μαρτυρέω, *martureō*), ou seja, “declarou” (NVI), um termo que identifica um pronunciamento verídico (veja 3:32; 7:7), e com a dupla afirmativa **em verdade, em verdade vos digo**, que Jesus costumava usar antes (nunca depois) de uma declaração muito importante. Agora, pela primeira vez e para surpresa de todos, Jesus anunciou: **um dentre vós me trairá**. Jesus não re-

velou que o traidor era Judas. Se o fizesse, Judas provavelmente não teria saído do cenáculo com vida. Tal como os escritores sinóticos, João observou a perplexidade e o espanto dos **discípulos**. João disse que eles **olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia**. De acordo com Mateus 26:25, até Judas pareceu perplexo quanto à identidade do traidor. Sendo um hipócrita, Judas aparentemente não deu sinal algum de que ele era o culpado.

**Versículo 23.** Em seguida, João introduziu pela primeira vez a expressão o discípulo a **quem [Jesus] amava**. Esse discípulo amado seria mencionado novamente junto à cruz (19:26, 27), no sepulcro vazio (20:1–10) e perto do mar de Tiberíades, quando Jesus apareceu a sete de seus seguidores (21:1, 2, 7, 20–24). Com exceção da crucificação, em todas as participações desse discípulo amado no texto, Simão Pedro também está presente. Depois de mencionar esse discípulo juntamente com Pedro em 21:20, encontramos uma nota identificando “o discípulo a quem Jesus amava” como o autor do Evangelho (21:23, 24). Temos explicado neste comentário que o discípulo amado era João, o filho de Zebedeu. Nem aqui nem em nenhuma outra parte do livro, ele é citado nominalmente, porém não há razão para duvidar que ele era de fato o apóstolo João.

Marcos 14:17 revela que só os doze estavam com Jesus no cenáculo<sup>11</sup>, e o discípulo “a quem Jesus amava” estava entre eles. Esse discípulo **estava aconchegado a Jesus**, ou, “ao lado de Jesus estava reclinado” (NAA). Era comum as pessoas se sentarem na maioria das refeições, mas reclinar-se era a postura em refeições especiais, como banquetes e festas. A refeição de Páscoa era especial e deveria ser desfrutada lentamente, em contraste com a pressa com que foi feita no Egito (Êxodo 12:11)<sup>12</sup>. O recinto para essa refeição especial dispunha de uma porção de sofás, divãs ou esteiras organizadas na forma de “U”, em torno de uma

<sup>11</sup> Lucas 22:14 diz que os “apóstolos” estavam com ele.

<sup>12</sup> A postura de Jesus e de seus discípulos indica que eles estavam realmente comendo a refeição pascal no cenáculo. George R. Beasley-Murray chegou a dizer que “o costume de reclinar-se” era observado “somente em ocasiões especiais, mas era obrigatório na refeição de Páscoa” (George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 237). Fundamentado nessa observação, Bruce, que disse que essa refeição ocorreu antes da Páscoa oficial (13:1), defendeu que “ela era, todavia, tratada pelos participantes como uma refeição de Páscoa” (Bruce, p. 289).

<sup>10</sup> Em 13:11, João escreveu: “Pois ele sabia quem era o traidor”.



mesa baixa de uns quarenta e cinco centímetros de altura. Os convidados reclinavam a cabeça na direção da mesa com as pernas esticadas para trás. Eles se apoiavam no cotovelo esquerdo, deixando a mão direita livre para comer. O anfitrião ficava no divã principal ao centro, onde dois braços dos divãs se encostavam. O lugar de honra ficava logo atrás dele, ou seja, à esquerda do anfitrião, enquanto o segundo lugar de honra ficava à sua direita. Nesta posição, o convidado à direita do anfitrião teria sua cabeça perto do peito do anfitrião<sup>13</sup>. Essa era a posição do discípulo a quem Jesus amava.

**Versículos 24 e 25.** Embora seja dito onde João estava reclinado, a posição de Pedro é difícil de determinar. Levando-se em conta o círculo menor formado por Pedro, Tiago e João, era de se esperar que Pedro estivesse imediatamente à esquerda de Jesus; entretanto, se fosse esse o caso, ele poderia ter perguntado ao próprio Jesus a quem ele se referia. É igualmente vago quem estava à esquerda de Jesus, o lugar de honra; poderia muito bem ser Judas (veja 13:26). O papel de Judas como tesoureiro pode ter-lhe dado uma posição especial entre os discípulos. Apesar de não sabermos onde Pedro estava sentado, tudo indica que de seu assento ele podia ser facilmente visto por João, pois a narrativa diz: **a esse fez Simão Pedro sinal.** O verbo “fez sinal” vem de νεύω (*neuō*), que significa “acenar para alguém em sinal de... inclinando a cabeça”<sup>14</sup>. Esse verbo “geralmente não vem acompanhado de uma sugestão de que a pessoa que fez os sinais também falou”<sup>15</sup>. Pedro disse ao discípulo a quem Jesus amava: **Pergunta a quem ele se refere.** A KJA captou o sentido do gesto dizendo que “Simão Pedro fez alguns sinais a esse, como querendo dizer: ‘Pergunta a quem Ele se refere’”. Talvez Pedro tenha falado com João. De qualquer maneira, João foi induzido por Pedro a indagar a qual discípulo Jesus se referia.

O discípulo a quem Jesus amava (que estava à direita de Jesus e em posição para falar de perto com Jesus) inclinou-se para trás para perguntar a Jesus a quem ele se referia, usando um dos dois títulos introduzidos em 13:13 e 14: **Senhor, quem é?** A vivacidade do relato comunica que o autor

era uma testemunha ocular. Esse retrato em nada se parece com a reprodução de Leonardo da Vinci em sua pintura sobre tela da Última Ceia. A intimidade do cenário pode parecer estranha ao observador de hoje. A frase **reclinando-se sobre o peito de Jesus** lembra uma cena semelhante no prólogo, em que se diz que Jesus, “que está no seio do Pai, é quem o revelou” (1:18). Na primeira vez que o discípulo a quem Jesus amava é inserido na narrativa de João, ele é descrito interagindo com Jesus de um modo semelhante ao relacionamento de Jesus com o Pai.

**Versículo 26. Jesus respondeu** à pergunta do discípulo amado de uma maneira que só ele pôde ouvir; pois quando Judas saiu da sala, os outros discípulos não sabiam por quê (13:27–30). Jesus não mencionou nenhum nome, mas identificou o traidor como **aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado.** A palavra traduzida por “pedaço de pão” ψωμίον (*psōmion*) é usada quatro vezes e somente nesta ocasião em todo o Novo Testamento. O termo se refere a um pedaço de pão ou carne. O recipiente em que Jesus molhou o pedaço de pão era o prato coletivo em que comiam (veja Mateus 26:23; Marcos 14:20). O anfitrião ou dono da festa (neste caso, Jesus) podia permitir que um convidado molhasse seu pão nesse prato coletivo (como fez Boaz com Rute em Rute 2:14), ou ele mesmo podia molhar um pedaço de pão no prato coletivo e entregá-lo a um convidado num gesto de honra. É irônico que Judas estivesse em posição de proeminência quando sua intenção de trair Jesus revelava que ele não era digno. O prato possivelmente continha *charoseth* – um purê de frutas ou molho de tâmaras, passas e vinho azedo que havia se tornado típico na refeição de Páscoa. **Tomou Jesus um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.** Aparentemente, ele estava sentado perto de Jesus, talvez à sua esquerda (veja os comentários sobre 13:24, 25). Segundo o relato de Mateus, nessa hora Judas perguntou: “Acaso, sou eu, Mestre?”, ao que Jesus lhe respondeu: “Tu o disseste” (Mateus 26:25). Considerando que Judas estava sentado bem próximo de Jesus, essa conversa poderia ter ocorrido sem que ninguém percebesse. Judas agora sabia que Jesus estava ciente do que ele havia planejado no coração. O uso do nome completo “Judas, filho de Simão Iscariotes” talvez ressalte a seriedade daquele momento (veja 6:71).

**Versículo 27.** Jesus amava Judas e queria man-

<sup>13</sup> Morris, pp. 555–56; veja Talmude, *Berakoth* 46b.

<sup>14</sup> Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 670.

<sup>15</sup> Bernard, vol. 2, p. 472.

tê-lo entre os discípulos, pois ele não tinha vindo para condenar, e sim para salvar (veja 3:17). Se o ato de dar-lhe um pedaço de pão foi um gesto de honra, pode ser que essa tenha sido a última tentativa de Jesus de incitar Judas a responder positivamente à sua oferta de boa vontade. Este último apelo marcou a tomada de decisão de Judas como nenhum outro momento em sua vida. Iria ele levar a cabo o seu ato traiçoeiro ou desistir de seus planos fatais? Em vez de ser levado ao arrependimento pelo amor do seu Senhor, Judas ficou ainda mais determinado a executar o seu plano. João registrou que, depois de receber **o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás**. Woods observou que “o diabo tomou posse total de suas faculdades, inflamou ainda mais seu coração contra o Senhor e sua causa e o incitou a prosseguir no seu intento perverso”<sup>16</sup>.

Satanás não entrou em Judas contra sua vontade; Judas o deixou entrar. Judas poderia ter resistido ao diabo (veja Tiago 4:7; 1 Pedro 5:9). Ceder à influência de Satanás traria consequências desastrosas. Jesus disse: “...ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!” (Mateus 26:24). Mais tarde, Judas sentiu remorso, devolveu o dinheiro aos principais sacerdotes e anciãos, saiu e se enforcou (Mateus 27:3–5; veja Atos 1:16, 18, 19).

Percebendo que Judas havia feito uma escolha terrível, **Jesus lhe disse: O que pretendes fazer, faze-o depressa**. Talvez Judas não tivesse planejado realizar seu terrível ato já naquele momento. Jesus sabia qual era a sua missão neste mundo e podia prever o sofrimento e a morte que enfrentaria no dia seguinte. Não havia necessidade de mais demora. As palavras do Senhor se parecem com a ordem que ele deu, posteriormente, a Judas, no jardim do Getsêmani: “Amigo, para que vies-te?” (Mateus 26:50). Mais uma vez, Jesus é descrito como estando no comando no lugar de ser vítima de circunstâncias fora de seu controle.

**Versículos 28 a 30.** Nenhum dos discípulos percebeu a que fim lhe dissera isto (13:28). Embora a identidade do traidor tivesse sido revelada ao discípulo amado através do bocado (13:26), parece que nem ele entendera, ainda, o significado dos atos de Jesus. Talvez isso explique por que ele nada disse a Judas ou aos outros discípulos quando Jesus estendeu o bocado a Judas.

Alguns discípulos pensaram que, sendo **Judas**

o tesoureiro, **Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres** (13:29). Alguns comentaristas consideraram a primeira opinião acima uma prova de que a refeição que comiam não era a Páscoa, pois esta só aconteceria no dia seguinte. No entanto, isso colocaria João em contradição com os Evangelhos Sinóticos. Visto que a Palavra de Deus é inspirada e inequívoca, podemos ter certeza de que não há discrepância real entre qualquer um dos textos bíblicos. Tem sido argumentado que João falava da mesma festa que os escritores sinóticos e, portanto, é melhor entender “festa” como a Festa dos Pães Asmos, que começava na noite da Páscoa e continuava por uma semana. Como o dia seguinte (ainda sexta-feira, 15 de nissã) era um dia de festa e o dia seguinte era sábado, os discípulos presumiram que Jesus queria que Judas fizesse compras naquela noite<sup>17</sup>.

Enquanto alguns discípulos pensaram que Judas estava indo comprar alguns itens necessários para a festa, outros pensaram que ele estava sendo orientado por Jesus a dar alguma coisa aos pobres. Andreas Köstenberger observou: “Na noite da Páscoa, as portas do templo ficavam abertas a partir da meia-noite, permitindo a entrada de mendigos”<sup>18</sup>. Jesus sempre se preocupou com os pobres e incentivou seus discípulos e o jovem rico a terem a mesma opinião (veja Mateus 19:21; Lucas 12:33). Mais tarde, Paulo lembraria aos presbíteros da igreja em Éfeso algo que Jesus havia dito: “Mais bem-aventurado é dar do que receber” (Atos 20:35).

Entregue a Satanás, Judas não teve alternativa, a não ser fazer o que Jesus lhe pediu. Muito se especula sobre os motivos que levaram Judas a trair Jesus; porém essa é uma tentativa sempre difícil (veja 1 Coríntios 2:11), e o texto não revela esses motivos. No entanto, depois de ser repreendido por Jesus por contestar a unção oferecida por Maria (veja os comentários sobre 12:6–8), Judas imediatamente foi até os principais sacerdotes e tomou as providências para trair Jesus (veja Mateus 26:6–16; Marcos 14:3–11). O texto de fato afirma que Judas

<sup>17</sup> D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 475.

<sup>18</sup> Andreas J. Köstenberger, *John*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2004, p. 418. Flávio Josefo mencionou esse costume em *Antiguidades* 18.2.2 [29].

<sup>16</sup> Woods, p. 294.

era ladrão e roubava da bolsa do grupo (12:6). Talvez o ressentimento por ter sido repreendido por Jesus e a ganância o tenham levado à traição. João nada especulou a respeito de seus motivos, registrando unicamente o que Judas fez: **então, depois de receber o pedaço, ele saiu imediatamente; e era noite** (13:30).

A refeição de Páscoa começava no crepúsculo, por isso já “era noite” quando ela foi consumida (veja 1 Coríntios 11:23); porém a palavra “noite” (νύξ, *nux*) aqui denota mais do que um indicador de tempo, dada a ênfase que este Evangelho imprime no ensino de Jesus sobre luz e trevas. As palavras de João apontam para uma lembrança gráfica e vívida de uma testemunha ocular. Era noite de um modo literal e também de um modo simbólico, pois Judas se entregara aos poderes das trevas, saindo para pôr em prática seu plano de trair Jesus, entregando-o a inimigos. Kyle M. Yates nos lembra: “É sempre noite quando uma alma sai da presença de Jesus Cristo”<sup>19</sup>.

### O NOVO MANDAMENTO DE JESUS (13:31–35)

<sup>31</sup>Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele; <sup>32</sup>se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente. <sup>33</sup>Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir. <sup>34</sup>Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. <sup>35</sup>Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.

Conforme já observamos, o ministério público de Jesus terminou no capítulo 12. Os capítulos 13 a 17 constituem uma ampla seção em que Jesus já não está ministrando às multidões. Ele dedica horas, antes de ser crucificado no dia seguinte, junto aos “seus” (13:1), a fim de lhes passar algumas instruções finais. A maior parte dessa seção maior consiste no discurso de despedida. O material registrado em 13:1–30 serve muito bem como prólogo (a purificação da comunidade de discípulos) e o capítulo 17, como epílogo (a última oração de

Jesus), sendo que todo com o discurso de despedida compreende a seção 13:31–16:33.

Muitas controvérsias entre os comentaristas dizem respeito à ordem exata dos fatos nesta seção das Escrituras. Um bom exemplo disso é a divisão do discurso de despedida em duas seções: 13:31–14:31 e 15:1–16:33. Na primeira seção, os discípulos interromperam Jesus com várias perguntas, as quais ele aproveitou para esclarecer-lhes muitas coisas. A segunda seção começa no capítulo 15, depois que Jesus disse: “Vamo-nos daqui” (14:31). Nessa ocasião, ele e os discípulos evidentemente deixaram o cenáculo e foram para o jardim do Getsêmani.

**Versículos 31 e 32.** O indicador de tempo **quando** Judas **saiu** salienta também que a comunidade de discípulos foi purificada porque o traidor saiu dali. Jesus poderia começar a dar as últimas instruções aos que realmente “seus” (13:1). Também significa que a traição, agora em vias de fato, atingiria o ápice em breve, quando a obra salvadora de Jesus se consumasse na cruz. Assim como a aproximação dos gregos foi o estímulo para a primeira declaração de Jesus de que era chegada a sua hora (12:23), a saída de Judas foi o estímulo para o Senhor declarar que ele estava para ser **glorificado**. D. A. Carson comentou: “Agora, a partida de Judas coloca os mecanismos de prisão, julgamento e execução em movimento”<sup>20</sup>. No momento exato em que Judas perpetrava seus planos de trair Jesus, **o Filho do Homem** e o Pai estavam sendo “glorificado[s]” (de δοξάζω, *doxazō*), isto é, “elevados”, “exaltados”. Embora os relatos sinóticos apresentem o sofrimento de Jesus e sua glória em forma de contraste, na narrativa de João eles estão intimamente interligados (veja os comentários sobre 12:23). Barrett disse: “João mistura as duas noções, unindo numa única composição experiências inteiras de sofrimento e glória...”<sup>21</sup>. A glorificação do Filho do Homem ocorreu na vergonha da cruz (veja os comentários sobre 1:50, 51). Jesus não só disse que o Filho do Homem estava sendo glorificado, mas também apresentou três verdades sobre Deus ser glorificado.

Primeiramente, **Deus foi glorificado nele**. Deus foi glorificado pelo Filho quando este cumpriu a vontade do Pai. Jesus disse: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste

<sup>19</sup> Kyle M. Yates, *Preaching from John's Gospel*. Nashville: Broadman Press, 1964, p. 124.

<sup>20</sup> Carson, p. 482.

<sup>21</sup> Barrett, p. 450.



para fazer” (17:4; veja 6:38). Essa obra incluiu tudo o que é necessário para salvar pessoas pecadoras.

Em segundo lugar, **também Deus o glorificará nele mesmo**. Visto que Deus é glorificado no Filho, também é verdade que Deus glorificará o Filho nele mesmo<sup>22</sup>. Isso é essencialmente o que Jesus disse em 17:5: “e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”. Isso pressupõe que a expressão “nele mesmo” significa “no próprio Deus Pai”. O Pai e o Filho são tão essencialmente um em propósito que, assim como o Pai foi glorificado pela obediência do Filho, o Filho seria glorificado pelo Pai. Na opinião de B. F. Westcott, “Deus glorificaria o Filho do Homem... assumindo sua humanidade glorificada para ter comunhão com ele”<sup>23</sup>.

Em terceiro lugar, Deus **glorificá-lo-á imediatamente**. Apesar de o verbo estar no futuro, Jesus não estava se referindo a um evento no futuro distante; ele estava contemplando o futuro imediato. Sua morte e exaltação eram iminentes e resultariam no término de sua obra na terra.

**Versículo 33.** De reflexões sobre o que significariam para ele seu sofrimento e morte, Jesus virou a atenção para o impacto que sua partida exerceria sobre seus discípulos: **Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir**. Jesus falou num tom intimista enquanto tentava preparar os discípulos para sua partida. Ele usou o diminutivo *τεκνία* (*teknia*), “filhinhos”, que tem esta ocorrência neste Evangelho, mas aparece sete vezes em 1 João (veja 1 João 2:1, 12, 28; 3:7, 18; 4:4; 5:21). Em alguns manuscritos gregos antigos, *teknia* também ocorre em Gálatas 4:19, onde Paulo rogou ternamente aos Gálatas. Era uma linguagem apropriada para a última ceia, em que Jesus exercia o papel de chefe de família e os discípulos, seus filhos. Jesus informou que ficaria com eles “por um pouco” e depois acrescentou, como havia dito aos judeus (as autoridades religiosas que se opunham a ele), que eles o buscariam, mas não poderiam segui-lo (7:33, 34; 8:21).

Os discípulos ficaram tão perplexos com as palavras de Jesus quanto os judeus (13:36–38); contu-

do, esse era o único ponto que tinham em comum. Jesus não disse aos seus discípulos o que disse aos judeus: “não me achareis” (7:34); nem afirmou que eles pereceriam no pecado (8:21). Em vez disso, Jesus disse a Pedro que ele não poderia segui-lo *agora*, mas que o seguiria um dia (13:36). Os discípulos foram informados de que Jesus iria preparar um lugar para eles porque o veriam novamente (14:1–3). Além disso, ele disse aos discípulos: “porque eu vivo, vós também vivereis” (14:19). Portanto, os discípulos receberam garantias de que, embora não pudessem naquele momento ir aonde Jesus estava indo, no futuro, iriam se juntar a ele.

**Versículos 34 e 35.** Essas palavras de Jesus foram ditas na mesma noite em que seus discípulos se puseram a disputar entre si um lugar de proeminência. Depois de anunciar que partiria em breve, Jesus se certificou de que seus discípulos sabiam o que ele esperava deles quando se ausentasse. Então, Jesus deu-lhes um **novo mandamento: que vos ameis uns aos outros**. Somente aqui no Evangelho de João Jesus usou claramente a palavra “novo”. O mandamento para amar não era inteiramente novo, mas, de fato, antigo. A lei mosaica ordenava dois mandamentos principais: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus” (Deuteronômio 6:5), e “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Levítico 19:18). Jesus ensinou a um certo escriba que toda a Lei e os Profetas se resumiam nesses dois mandamentos (Marcos 12:29–31). Por que, então, Jesus disse que ele estava dando um “novo” mandamento? Woods sugeriu três sentidos em que o mandamento de Jesus era novo. 1) O mandamento era novo no sentido de que “incluir todos os seres humanos – bons e maus – nossos inimigos, bem como nossos amigos”. 2) Também era novo porque “o amor que Jesus difere do amor que a lei ordenava”. 3) Além disso, era novo porque nosso amor tem uma motivação diferente; “devemos imitá-lo tanto quanto possível” por causa do amor que Jesus manifestou por nós<sup>24</sup>.

Embora haja muito a ser dito em favor desses três aspectos, eles não parecem captar a essência exata do mandamento de Jesus. O Senhor estava dando uma ordem restritiva, pois ele disse “vos ameis uns aos outros”, obviamente referindo-se aos discípulos. Dado o espírito competitivo entre eles, talvez houvesse uma necessidade imediata de se amarem uns aos outros. O mandamento era

<sup>22</sup> As palavras “se Deus foi glorificado nele” no começo de 13:32 são omitidas em alguns manuscritos confiáveis; porém, mesmo com a presença delas, é necessário inserir alguma frase para dar sentido à passagem. (Carson, p. 483, n. 1.)

<sup>23</sup> Westcott, pp. 196–97.

<sup>24</sup> Woods, p. 297.

novo porque o amor que eles deviam ter uns pelos outros deveria ser segundo o amor que Jesus tinha por eles – **assim como eu vos amei**. Jesus “amou os seus que estavam no mundo” e “amou-os até ao fim” (13:1). Jesus demonstrou constantemente o seu amor pelos discípulos em teoria e na prática. É evidente que Jesus queria que eles entendessem a importância desse mandamento, pois ele o repetiu mais duas vezes em suas últimas instruções (15:12, 17).

O preceito de Jesus impactou fortemente João. Em seu Evangelho, ele usou palavras traduzidas por “amor” e seus derivados cerca de cinquenta e sete vezes (doze vezes nos capítulos 1 a 12 e quarenta e cinco vezes nos capítulos 13 a 21). João ficou maravilhado com o fato de ser “um de seus discípulos, aquele a quem [Jesus] amava” (13:23). Além disso, João continuou a enfatizar o tema do amor em 1 João (veja, por exemplo, 1 João 3:11, 18, 23; 4:7, 8, 11, 12). Muitos estudiosos chamam a atenção para uma história preservada por Jerônimo, segundo a qual, na velhice, João nunca deixava de repetir: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros”<sup>25</sup>. João nunca se esqueceu da admoestação do seu Senhor.

Jesus acrescentou: **Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros**. Amar “abnegadamente”, “sacrificialmente”, “com perdão e compreensão”<sup>26</sup>, como Jesus demonstrou em primeiro lugar, seria de fato a marca registrada dos discípulos de Jesus. Em 8:31, Jesus disse que a marca de um discípulo era permanecer em sua palavra; mais tarde, ele diria que o discípulo deveria “dar muito fruto” (15:8). O lema do discipulado aqui destacado é o amor mútuo dos discípulos. É assim que os discípulos de Cristo devem se diferenciar das pessoas que estão no mundo e que são súditas de Satanás. Os estudiosos costumam chamar a atenção para o testemunho de Tertuliano, escritor que viveu um século após este Relato do Evangelho. Os pagãos de sua época ficaram maravilhados com o amor da comunhão cristã, mesmo em face da perseguição e da morte. “Veja como eles se amam!”, exclamaram. A crença de que o amor cristão era mais do que superficial se comprova em outra de suas declarações: “Como estão prontos para morrer uns pelos

outros!”<sup>27</sup> (veja 15:13; 1 João 3:16).

## JESUS PREDIZ A NEGAÇÃO DE PEDRO (13:36–38)

<sup>36</sup>**Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás.** <sup>37</sup>**Replicou Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida.** <sup>38</sup>**Respondeu Jesus: Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes.**

**Versículos 36 a 38.** Todos os Relatos do Evangelho contam que Jesus predisse que Pedro o negaria (Mateus 26:31–35; Marcos 14:27–31; Lucas 22:31–34). Pedro era sempre o primeiro a perguntar; mas, durante esta parte das últimas instruções de Jesus aos discípulos, também fizeram perguntas Tomé (14:5), Filipe (14:8) e Judas “não o Iscariotes” (14:22). Tudo indica que **Pedro** (e os demais discípulos) estava mais interessado nas implicações da partida iminente de Jesus (13:33) do que no novo mandamento; por isso ele perguntou: **Senhor, para onde vais?** (13:36). Pedro devia estar questionando: “Se Jesus é o Messias prometido e o Rei de Israel, para onde ele iria, senão estabelecer o seu reino?” Evidentemente, Pedro não entendeu realmente o que Jesus estava dizendo. Naquele momento, suas ideias sobre a natureza do reino pairavam num nível terreno e refletiam o que pensavam os judeus contemporâneos – que o reino seria um império terreno (e não espiritual) e temporário (em vez de eterno). **Jesus** não respondeu diretamente à pergunta de Pedro; ele repetiu o que dissera em 13:33, usando a segunda pessoa do singular para se reportar especificamente a Pedro: **Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás**. A resposta de Jesus deveria ser entendida como um alerta ao que era tão característico de Pedro, a saber, demonstrações impulsivas de emoção. É compreensível que Pedro não concebesse o que o dia seguinte reservava para o seu Senhor. Ele não entendeu que Jesus estava prestes a voltar para o Pai nem qual era o motivo dessa partida. Antes, porém, de voltar, Jesus tinha que “ir” para a cruz e para o sepulcro para morrer por Pedro e por todo o mundo afetado pelo pecado.

<sup>25</sup> Jerônimo, *Comentário sobre Gálatas* 6.10.

<sup>26</sup> William Barclay, *The Gospel of John*, vol. 2, rev. ed., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, pp. 149–50.

<sup>27</sup> Tertuliano, *Apologia* 39.7.



Pedro o seguiria “mais tarde” na morte – porém, não antes de ser restaurado de sua negação e de ter concluído a missão que Jesus tinha para ele (veja 21:15–19). Somente após a morte e ressurreição de Jesus, Pedro entenderia o que Jesus estava dizendo no cenáculo.

Pedro ficou surpreso com a resposta que Jesus lhe deu e talvez o seu orgulho por ser um dos discípulos de confiança de Jesus tenha sido ameaçado. Por isso, ele perguntou: **Senhor, por que não posso seguir-te agora?**, e afirmou com segurança: **Por ti darei a própria vida** (13:37). Pedro não percebeu que era para a morte que Jesus estava indo antes de subir para o Pai; todavia, mesmo que Jesus fosse para um lugar perigoso, Pedro afirmou que estava disposto a arriscar a vida para segui-lo. A declaração de Pedro foi quase idêntica à do “bom pastor” (10:11). As palavras de Pedro foram ditas com sinceridade, porém dentro da segurança que o cenáculo proporcionava. Mais tarde, no ambiente ameaçador do palácio do sumo sacerdote, sua fé vacilaria.

A resposta de Jesus – **Darás a vida por mim?** (13:38) – questionava a declaração confiante de Pedro. O pescador estava pronto para lutar e talvez até morrer por Jesus, como demonstrou no jardim, quando desembainhou a espada e cortou a orelha de Malco (18:10), porém ele não conseguiria consumir suas boas intenções. Empregando a dupla afirmativa, que antecedia uma verdade solene, Jesus disse: **Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes**. A predição de que Pedro negaria seu Senhor em pouco tempo deve ter perturbado Pedro a tal ponto que ele permaneceu calado pelo resto do tempo em que ficaram no cenáculo. Pedro só é mencionado novamente na cena do jardim do Getsêmani (18:10)<sup>28</sup>.

## APLICAÇÃO

### Quando um Amigo se Desvia (13:11–20)

No cenáculo, enquanto conversava com seus apóstolos sobre a fase obscura que viria logo a seguir, Jesus disse: “Nem todos estais limpos” (13:11).

<sup>28</sup> Em Marcos 14:30, Pedro negaria Jesus três vezes “antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes”. Carson observou: “Aparentemente, era comum na Palestina os galos cantarem por volta da meia-noite e meia, uma e meia e duas e meia da madrugada, levando os romanos a dar o nome de ‘cantar do galo’ à vigília entre meia-noite e aproximadamente três horas da madrugada” (Carson, p. 487).

Nesse contexto, Jesus, delicadamente, trouxe à tona o ato de infidelidade que Judas cometeria ao traí-lo. Jesus não confrontou Judas rudemente nem lhe repreendeu em público; ele não quis dificultar ainda mais seu arrependimento. Jesus também não ameaçou nem cortou relações com Judas antes que ele cometesse o ato perverso. Ele simplesmente comunicou a ele, discretamente, que sabia o que ele planejava fazer e deixou implícito que era possível ele mudar de ideia.

Depois que Jesus lavou os pés de todos os apóstolos (incluindo Judas), ele disse que eles deveriam seguir seu exemplo e lavar os pés uns dos outros. Jesus estava ensinando que quem se torna um servo entra no reino e desfruta de uma vida abençoada. No entanto, ele sabia que um dos homens ali presentes o trairia: “Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi” (13:18). O verbo traduzido por “conheço” é οἶδα (*oida*), um perfeito do indicativo que significa “tenho conhecido”. Jesus estava bem ciente de tudo o que se passava no coração de Judas. Ele havia dito anteriormente: “Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo” (6:70).

Quando escolheu Judas, Jesus já sabia que ele se desviaria, porém ele também sabia que Judas tinha plenas condições de seguir o caminho certo e cumprir sua missão como apóstolo. Aqui, numa só pessoa, vemos o mistério da presciência divina e do livre arbítrio humano. Embora Jesus soubesse o que Judas iria fazer, ele tentou guiá-lo gentilmente para longe daquele ato terrível e levá-lo ao arrependimento.

À medida que a realidade da traição de Judas se aproximava, Jesus aproveitou a ocasião para preparar os outros apóstolos para isso. Ele disse: “...antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar” (13:18). Ele estava citando o Salmo 41:9: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”. E estava aplicando as palavras de Davi num sentido profético e metafórico ao que Judas estava fazendo com ele. Jesus não repetiu a frase “em quem eu confiava” do salmo ao citá-lo. Esta parte do versículo não se aplicava a Jesus porque ele sabia o tempo todo o que Judas faria.

Estas palavras de Jesus proporcionaram orientação, entendimento e encorajamento espiritual para os onze apóstolos que ficariam mui desanimados com o que logo aconteceria com Jesus e com

eles. A admoestação de Jesus fortaleceu aos apóstolos e também fortalece a nós para as tragédias que atingem até os seguidores mais espirituais.

Inspirados e orientados por esses ensinamentos de Jesus proferidos no cenáculo, lancemos uma pergunta: “O que fazer e como reagir quando um irmão se desvia e comete um ato impensável?”

1. *Precisamos admitir nossa situação enquanto vivemos neste mundo.* Jesus disse aos apóstolos que as Escrituras precisavam ser cumpridas. Neste cenário específico, Jesus citou o Salmo 41 como uma profecia metafórica que encontraria seu cumprimento em Judas. Ele disse que um grande desastre estava caindo sobre eles. Essa calamidade estava ligada à condição do homem na vida: o pecado. A realidade da traição de Judas reflete o inevitável fato de que todos rejeitaram a justiça. Jesus disse a seus apóstolos o que estava para acontecer para que não ficassem desiludidos com a perversidade de Judas. Ele queria que eles soubessem que esse pecado monumental não poderia mudar quem ele era ou o que ele tinha vindo fazer: “Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou” (13:19).

2. *Quando tragédias como essa acontecem, devemos reconhecer a natureza destrutiva do pecado.* Jesus havia prefaciado sua advertência aos apóstolos com estas palavras: “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (13:17). Depois, contemplando o futuro com seus apóstolos, ele disse: “Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi” (13:18). Em outras palavras, um deles não conheceria a bênção de seguir a Jesus com uma atitude de obediência. Um deles não experimentaria as bênçãos que o céu concederia. Estava chegando o dia em que o nome de Judas seria menosprezado por causa da terrível lembrança que ele evocava. Na sua morte, ninguém seria capaz de dizer palavras reconfortantes como: “Ele se foi para o céu”. Tudo o que Pedro pôde dizer foi que “Judas se transviou [do apostolado], indo para o seu próprio lugar” (Atos 1:25).

3. *No breu da tragédia, devemos permanecer fiéis à nossa missão.* Nem um evento catastrófico como a traição de Judas pôde mudar ou frustrar a missão de Jesus. Ele disse: “Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou” (13:20). A obra de Jesus continuaria e os apóstolos saíam a pregar. Pessoas seriam convidadas a tomar uma decisão em relação ao evange-

lho, mas a autenticidade das palavras de Jesus não seria afetada por quem rejeitasse a sua mensagem.

*Conclusão.* O que fazer quando o pior acontece, quando um dos nossos irmãos vende a dádiva mais sagrada que já foi concedida ao homem? Façamos o que Jesus disse para seus apóstolos fazerem quando encarassem essa situação: lembrar que, muitas vezes, a vida é assim. Não devemos ficar surpresos. As Escrituras nos alertam sobre o que o amanhã pode trazer. Assim como Jesus, nessa hora de lamentável surpresa, podemos apontar para esta profecia registrada pelo apóstolo Paulo:

Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus (2 Timóteo 3:1-4).

Certamente enfrentaremos tragédias, porém não sejamos tragados por elas. Alguns irmãos se afastarão de Cristo, mas nós vamos permanecer fiéis a ele independentemente das noites sombrias que sobrevierem. Sejamos também fiéis à nossa missão. Pecados e pecadores surgirão; mas nossa mensagem, missão e motivação devem permanecer inabaláveis.

Eddie Cloer

### **Alcançando um Renegado (13:21-30)**

Como uma pessoa piedosa consegue alcançar alguém que se deixou possuir pela perversidade? Como um coração puro reage a um coração influenciado por Satanás? Podemos achar boas respostas para essas perguntas observando a maneira como Jesus falou com Judas no cenáculo (13:21-30).

Que atitude Jesus teve para com Judas? Como Jesus tentou alcançar esse traidor?

1. *Jesus lamentou por ele.* O texto bíblico diz: “angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá” (13:21). Jesus tinha acabado de citar uma passagem do Antigo Testamento que descrevia o que ele estava enfrentando naquela noite com Judas. Jesus se apropriou das palavras de Davi, dizendo: “Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar” (13:18; veja Salmo 41:9). Ao citar essa profecia, Jesus estava anunciando que nem todos os presentes naquela refeição seguiriam suas palavras. Um deles não conheceria a bênção de permanecer nos seus ensinamentos; um deles

não estava limpo (13:11). Jesus informou ainda aos seus apóstolos que ele dizia aquilo para que não ficassem desanimados quando esse fato sombrio ocorresse (13:19).

Depois de se reportar claramente ao que em breve aconteceria, Jesus “angustiou-se em espírito”. A palavra que João usou, *ἐταράχθη* (*etarachthē*), significa “passar por grande sofrimento mental”. Nesse momento, Jesus estava profundamente comovido e muito preocupado com a vida e a alma de outra pessoa.

Anteriormente, depois de olhar para a cidade de Jerusalém, Jesus chorou (Lucas 19:41); no cenáculo, porém, ele olhou para Judas e os outros apóstolos e ficou profundamente angustiado com o que viu. Sua grande alma encheu-se de tristeza por causa do que Judas planejava fazer e do efeito disso sobre os outros apóstolos e sobre o próprio Judas.

Jesus veio para buscar e salvar os perdidos (Lucas 19:10). Ele se entregou por cada alma que encontrou. Na última ceia, ele e seus apóstolos tinham uma alma perdida em seu meio; e isso afundou seu coração numa tristeza profunda. O que Jesus faria com essa alma perdida? Primeiro, observamos que o coração de Jesus se partiu por causa de Judas. Ganhadores de almas são pessoas de coração quebrantado. Não se alcança uma pessoa perdida a menos que, no fundo de sua alma, haja uma profunda preocupação com a condição e o destino dessa pessoa perdida.

2. *Jesus confrontou Judas e o exortou.* Jesus não pressionou Judas, dificultando ainda mais que seu coração se livrasse do mal nele instalado. Em vez disso, Jesus alertou publicamente o grupo de apóstolos: “Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá” (13:21). Quando lhe perguntaram: “Senhor, quem é?”, ele respondeu: “É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado” (13:24–26a). Lemos: “Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes... Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa. Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto” (13:26b–28). Em toda essa conversa, ninguém suspeitou de Judas. Cada um olhou para dentro de si e se perguntou: “Porventura, sou eu?” (Marcos 14:19), ou: “Porventura, sou eu, Senhor?” (Mateus 26:22). Mesmo quando Jesus entregou o bocado a Judas, os outros apóstolos não entenderam a identificação. Eles não conseguiram entender o que

Jesus estava dizendo a Judas.

No gesto de entregar a Judas o pedaço de pão, Jesus mais uma vez o confrontou no ambiente da última ceia. De várias maneiras, Jesus já havia anunciado que alguém do grupo o venderia ao Sinédrio. Jesus não tentou envergonhar Judas ou humilhá-lo ao arrependimento por meio de exposição pública. Jesus queria que Judas soubesse que ele estava ciente do que se passava. Jesus estendeu-lhe gentilmente a mão, chamando seu coração ao arrependimento. Agindo assim, Jesus estava pedindo para Judas abortar seu plano sinistro, aceitar o perdão e reocupar seu lugar no apostolado.

Jesus teve o cuidado de não ultrapassar uma justa persuasão para coagir Judas. Ele se humilhou a esse apóstolo, antes mesmo de ir para a cruz. Lavou os pés de Judas, ensinou-o a ser um servo, ilustrou por meio da metáfora de lavar os pés que ele proveu purificação para seus seguidores, e alertou-lhe que, mesmo já sabendo o que ele pretendia fazer, ainda o amava.

3. *Jesus permitiu que ele tomasse a decisão.* O supremo Rei recusou-se a obrigar seu servo a obedecer. Jesus sabia todas as coisas, tinha todo o poder e entendia tudo sobre a personalidade humana; mesmo assim, ele consentiu em deixar Judas decidir seu futuro. João escreveu: “E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa” (13:27). João, então, acrescentou: “Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite” (13:30). O exemplo de servidão, a súplica bondosa e o discreto confronto do Mestre com Judas nessa noite não desvaneceram a ambição pecaminosa que crescia no coração do apóstolo traidor. Num pesar que só o céu pode entender, Jesus permitiu que Judas o deixasse para nunca mais voltar.

Quando Judas saiu, a luz cintilante da redenção extinguiu-se e a terrível escuridão da condenação caiu sobre ele. James Burton Coffman comentou:

A entrada de Satanás em Judas, nessa hora, foi excepcionalmente maligna; porque Satanás já estivera em Judas antes, por exemplo, quando este negociou as trinta moedas de prata. Portanto, isso indica que Satanás se apoderou de Judas permanentemente, em decorrência de seu endurecimento, um fato sugerido, e até exigido porque Jesus ordenou que Judas agisse rapidamente. Até esse ponto, havia esperança para Judas; mas, depois que Satanás tomou conta dele, sua queda em desgraça e morte foi rápida, dramática e irrevogável. O exemplo do que aconteceu com Judas aqui deveria fazer todos pararem de contemplar



o mal. Depois de lançar, finalmente, a sorte, quando Satanás reivindica a posse de uma alma, o que sucede é sempre uma fulminante e inevitável destruição.<sup>29</sup>

**Conclusão.** Como alcançar uma pessoa que sabe que está afundada no pecado? O exemplo de Jesus diz que devemos reconhecer tal situação como uma das piores tragédias da vida. Daí então, motivados por uma preocupação sincera, devemos alcançar essa pessoa, procurando levá-la ao Senhor. Devemos ter sempre o cuidado de não humilhar o pecador; devemos entender que encurralá-lo pode endurecê-lo em vez de ajudá-lo. Além disso, devemos reconhecer que o indivíduo deve ter permissão para decidir sozinho, mesmo que essa decisão resulte numa retirada noite adentro.

As Escrituras nos instruem:

Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabeí que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados (Tiago 5:19, 20).

Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue (1 João 5:16).

Embora nem sempre tenhamos êxito, façamos todo o possível para evitar que outros cristãos deixem a igreja do Senhor, a exemplo de Judas, que “saiu” de perto de seus irmãos em João 13:30.

Eddie Cloer

### **“Mais tarde, porém, me seguirás” (13:33, 36–38)**

Quando Jesus explicou aos apóstolos que os estava deixando, ele acrescentou ternamente que eles o seguiriam num futuro próximo. As poucas horas que lhe restavam com eles passariam rapidamente. Por isso, Jesus disse: “Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco” (13:33). Ele os deixaria e iria para o Pai. Jesus sabia que eles sentiriam falta de sua presença e da comunhão de que desfrutaram.

Anteriormente durante seu ministério, Jesus havia dito: “Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado; para onde eu vou vós não podeis ir” (8:21). Essas palavras foram ditas a judeus incrédulos que o ouviam. Sendo mais específico, ele acrescentou: “Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste

mundo não sou. Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crerdes que Eu Sou, morrereis nos vossos pecados” (8:23, 24).

Agora, no fim de sua vida terrena, nesse ambiente de Páscoa e na companhia de seus apóstolos, Jesus usou novamente as palavras “eu vou”, porém num contexto totalmente diferente. Ele incluiu essas palavras em seu discurso de despedida aos apóstolos. Jesus havia escolhido esses homens para serem seus apóstolos, ensinou-lhes, andou com eles, salvou-os e enviou-os a pregar em seu nome. Mais tarde, Jesus diria a seu Pai na magnífica oração sacerdotal:

Manifestei o teu nome àqueles que me deste do mundo. Eram teus, tu os deste a mim, e eles têm guardado a tua palavra. Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti, porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, verdadeiramente conheceram que saí de ti e creram que tu me enviaste (17:6–8; NAA).

Atordado porque Jesus afirmou que estava indo embora, Pedro perguntou: “Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás” (13:36). As palavras “mais tarde... me seguirás” atingiram profundamente a Pedro e aos demais e também afetam profundamente a nós. Todo cristão guarda na memória essas palavras e se consola com a sublime esperança que elas despertam.

Pedro queria ir com Jesus, mesmo que isso significasse morrer com ele e por ele. Ele reconheceu que Jesus estava indo para a glória que ele tinha antes e queria ir com ele. Talvez, na mente de Pedro, ele poderia ir com Jesus e depois voltar com ele para estabelecer o seu reino. Jesus estava dizendo, com efeito: “Este não é o momento para você ir comigo. Sua hora está chegando, mas não é agora”. Com reverência e respeito, perguntemos a nós mesmos: “O que Jesus quis dizer ao prometer: ‘Mais tarde me seguirás’?”

1. *Ele estava dizendo que o tempo de Pedro chegaria na aurora da grande redenção que ele estava provendo para o mundo.* Jesus tinha de ir para a cruz e consolidar o plano de salvação para todos os que viessem a crer. Por ora, Pedro só poderia assistir a esse grandioso acontecimento, sem participar ativamente. Seu papel seria apenas o de prestar apoio junto à cruz.

Não podemos nos salvar a nós mesmos; Cristo

<sup>29</sup>James Burton Coffman, *Commentary on John*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1974, pp. 318–19.

fez isso por meio da cruz. Nós o seguiremos para a glória como consequência da nossa redenção. Jesus teve de ir antes de nós e abrir o caminho para o seguirmos. Não devemos esquecer estas palavras de exortação: “Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles” (Hebreus 2:10). Jesus, nosso Salvador foi antes de nós, garantindo a nossa salvação eterna; e em breve nós iremos segui-lo.

2. *Jesus também estava dizendo que, depois de superarmos nossas provas, nós o seguiremos.* Pedro disse essencialmente a Jesus: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Eu darei minha vida por ti!” O nosso Senhor, então, usando palavras desafiantes que incluíam uma surpreendente revelação, respondeu a Pedro: “Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes” (13:38). Pedro não estava pronto para ir com Jesus. Faltava-lhe passar por um aperfeiçoamento de caráter antes de seguir seu Mestre.

Talvez uma pergunta lateje em nossas mentes: “Por que Jesus ainda não voltou para nos buscar?” A razão é que ainda não chegou a hora certa para ele voltar. O Pai está esperando que alguns de nós crescamos; Jesus está demorando para que mais pessoas ouçam a mensagem e se convertam a ele em busca de salvação. Pedro disse: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9). E acrescentou que os cristãos – “que vivem em santo procedimento e piedade” – estão “esperando e apressando a vinda do Dia de Deus” (2 Pedro 3:12). Enquanto aguardamos nosso convite para seguir a Cristo na eternidade, devemos usar o tempo que ele nos deu para crescer mais plenamente à sua semelhança.

3. *Jesus também estava dizendo que quando nosso trabalho estiver concluído, nós o seguiremos.* Depois da cruz, a igreja passaria a existir e o evangelho seria propagado por todo o mundo. Os apóstolos desempenhariam um papel importante na implementação do plano de Jesus na era cristã. A igreja do Senhor seria edificada sobre “o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Efésios 2:20). Jesus tinha muito trabalho para Pedro e os outros apóstolos

antes de abrir o caminho para que o seguissem.

O mesmo se aplica a nós. O nosso Senhor tem o controle do nosso tempo. Ele sabe quais são nossas aptidões e dons a serem empregados na sua causa. Devemos julgar sua demora em nos chamar para estar ao seu lado como um lembrete de que ele tem mais trabalhos para realizarmos aqui na terra. Somos continuamente atraídos por dois anseios: estar com Jesus na glória e nos dedicarmos fielmente no serviço aqui. Devemos confiar nele em relação a quanto tempo seremos necessários aqui, ao que podemos fazer de melhor em prol do reino e à maneira como partiremos para segui-lo.

Assim como Pedro, devemos ter dentro de nós o desejo de estar com Jesus. Devemos buscar estar um dia onde ele está. No entanto, tal como Pedro, devemos entender que não temos permissão para segui-lo agora. Estamos muito mais adiantados em nossa jornada agora do que alguns anos atrás. Pedro negou o Senhor, mas aprendeu com essa experiência. Ele cresceu com isso.

Jesus tem um lugar para cada um de nós em seu reino, pois nos nomeou administradores do seu evangelho. Quando partiu da terra, Jesus nos confiou uma missão. Depois de servi-lo proclamando a boa notícia da redenção aos habitantes da terra, iremos segui-lo. Então, o Senhor nos receberá às portas da morte e nos conduzirá à sua glória.

Eddie Cloer

### **“Como eu vos ameï” (13:34, 35)**

Os membros de alguns grupos e organizações usam crachás para identificar quem são e qual é a sua função. Qual é o crachá do discípulo? Como os cristãos devem ser identificados pelos que não são cristãos? Cristo respondeu essa pergunta em João 13:34 e 35: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos ameï, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”.

Nosso crachá de discípulo é o amor. Jesus disse que os cristãos serão conhecidos por seu amor. Isso elimina outras ideias sobre o verdadeiro teste de discipulado.

Não é pelo falar que seremos reconhecidos. Jesus não disse que seremos seus discípulos se usarmos seu nome, falarmos de Deus ou proclamarmos que somos cristãos um certo número de vezes por dia.

Não é pelo uso de determinado estilo de rou-

pas ou linguajar. Em certas ordens religiosas, os membros usam roupas sem estampas e um linguajar antiquado, enquanto outros usam batinas ou mantos para se diferenciarem das outras pessoas. Os cristãos devem cultivar a piedade genuína, o verdadeiro temor a Deus. Embora ser cristão afete a maneira como nos vestimos e falamos, Jesus não disse que os cristãos seriam conhecidos por sua aparência “piedosa” ou linguajar.

Não é pelos ritos. A adoração sempre foi importante para o Senhor. Jesus disse que devemos adorar o Senhor “em espírito e verdade” (4:24). No entanto, quando ele falou sobre o que diferencia os cristãos das outras pessoas, ele não mencionou a adoração. Alguém pode adorar corretamente e ainda assim não passar no teste do discipulado.

Não é pela oração. De acordo com Jesus, a oração não é a marca que deve distinguir seu povo. A comunicação com o Pai é importante; os cristãos devem orar constantemente. No entanto, a oração não é o principal fator que torna o cristão diferente.

Não é estritamente pela doutrina. A doutrina bíblica é importante. O Novo Testamento ensina que devemos guardar, pregar e praticar a sã doutrina. No entanto, Jesus não disse: “As pessoas saberão que vocês são meus discípulos se vocês ensinarem a sã doutrina”. Ainda que ensinemos a sã doutrina, não seremos discípulos aceitáveis se não exibirmos a verdadeira marca do discipulado.

Para sermos conhecidos como discípulos de Cristo, devemos amar uns aos outros. Jesus disse que o verdadeiro teste de discipulado é o amor dos cristãos uns pelos outros. Além disso, se amarmos uns aos outros como Jesus exige, as pessoas poderão crer que somos verdadeiramente discípulos de Cristo e, daí, se interessarem pela doutrina que ensinamos!

O amor uns pelos outros tonou-se uma característica da igreja primitiva. Em Atos 4:32–35, lemos que dos cristãos “era um o coração e a alma” e “ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía”. Como resultado, “nenhum necessitado havia entre eles”. Os que possuíam “terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um, à medida que alguém tinha necessidade”.

Enquanto os primeiros cristãos se ajudavam mutuamente, tinham comunhão uns com os outros e morriam uns pelos outros, as pessoas que os observavam eram obrigadas a testificar: “Olha só

como eles se amam”<sup>30</sup>.

A importância de amar uns aos outros se perpetuou entre os discípulos de Jesus. Em João 15:12, Jesus disse: “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”; e em 15:17, ele repetiu esse mandamento: “Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros”. De acordo com 1 Pedro 1:22, uma vez que nossas almas foram purificadas pela nossa obediência à verdade, devemos “nos amar, de coração, uns aos outros ardentemente”. Paulo enumerou o “amor” em primeiro lugar entre as qualidades que ele chamou de “fruto do Espírito” (Gálatas 5:22). Em 1 Coríntios 13, ele enfatizou a necessidade de os cristãos se amarem uns aos outros afirmando que, sem amor, nada tem valor. E concluiu: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1 Coríntios 13:13). Em Romanos 12:10, Paulo escreveu que os cristãos devem “amar-[se] cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-[se] em honra uns aos outros”. Quando Pedro discorreu a respeito de como os cristãos deveriam crescer espiritualmente, ele nomeou o “amor” como a maior realização do caráter cristão (2 Pedro 1:5–7).

Entender que o amor é o crachá do discípulo é só uma parcela da verdade. Além de nos instruir a amarmos uns aos outros, em 13:34, Jesus acrescentou que devemos amar como ele nos amou: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; *assim como eu vos amei*, que também vos ameis uns aos outros” (grifo meu; veja 15:12). Como era esse “novo mandamento”? A questão não era que devemos amar, mas até que ponto devemos amar: *devemos amar como Cristo amou!* Se não tentarmos atingir esse padrão, não passaremos no teste do verdadeiro discipulado.

A próxima pergunta, então, é: “Como Cristo amou seus discípulos?” Para amar como Jesus amou, precisamos saber como era o seu amor.

*Em primeiro lugar, o amor de Cristo era altruísta.* Jesus disse: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10:45). Pouco antes de Jesus instruir seus discípulos a amarem uns aos outros como ele os amou, encontramos esta declaração: “...sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mun-

---

<sup>30</sup> Tertuliano, *Apologia* 39.7.



do, amou-os até ao fim” (13:1). Em seguida, Jesus lavou os pés dos discípulos. E disse que lhes deu o exemplo, para que fizessem o mesmo uns aos outros (13:13–15). Se quisermos amar como Cristo amou, devemos estar dispostos a servir aos outros com sacrifício e humildade, em vez de buscar ser servido. Se estivermos interessados somente em nós mesmos – nossa glória, nossas recompensas, nossos direitos e privilégios – e não estivermos servindo aos outros de forma altruísta, não estaremos exibindo o verdadeiro crachá do discípulo.

*Em segundo lugar, o amor de Cristo era generoso.* Jesus passou a vida dando. Ele deu saúde curando; deu paz de espírito expulsando demônios; deu sustento alimentando; deu um pouco de vida ao ressuscitar mortos. Resumindo, como disse Pedro: “andou por toda parte, fazendo o bem” (Atos 10:38). E, por fim, Jesus deu o maior presente de todos: a sua vida, escolhendo morrer pelos outros (10:18).

Precisamos seguir o exemplo de Jesus, dando para mostrar que amamos uns aos outros. Evidentemente, devemos amar a todos. No entanto, um vínculo especial une os cristãos, e Jesus nos inspira a amarmos uns aos outros de um modo especial. Devemos dar uns aos outros sempre que houver necessitados entre nós e ajudar uns aos outros, porque todos fazemos parte da família de Deus. Precisamos seguir o exemplo da igreja primitiva, cujos membros dividiam espontaneamente seus bens terrenos para ajudar os irmãos em necessidade. Paulo disse: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10).

*Em terceiro lugar, o amor de Cristo era tolerante.* Sabemos disso porque Jesus teve paciência com seus apóstolos! Em muitas ocasiões em que os doze expressaram suas opiniões sobre assuntos religiosos, eles estavam errados. Em várias situações, Jesus repreendeu-os pela falta de fé. Quando Jesus foi crucificado, eles o abandonaram e fugiram. Um deles o traiu e outro o negou. Quando Jesus ressuscitou dos mortos, embora tivesse predito sua ressurreição, eles tiveram dificuldade em crer que ele estava vivo novamente. Pouco antes de subir ao Pai, eles mostraram que ainda não compreendiam o conceito do seu reino. Apesar das múltiplas falhas dos apóstolos, Jesus os suportou, ensinou, encorajou, ajudou e, por fim, confiou-lhes a sua missão na terra.

E nós? Amamos da mesma maneira? Quando

nossos conhecidos escorregam e caem ou demonstram ignorância, nossa tendência é considerá-los perversos ou maus, quando, provavelmente, são apenas fracos ou desinformados? Quando nossos irmãos deixam de corresponder às nossas expectativas, ficamos impacientes com eles?

Como devemos agir com discípulos que nos decepcionam? Paulo escreveu: “Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos” (1 Tessalonicenses 5:14). Ele instruiu os cristãos a “suportarem-se uns aos outros” (Colossenses 3:13). O escritor de Hebreus admoestou os cristãos a “se exortarem mutuamente cada dia” (Hebreus 3:13) e a “restabelecerem as mãos descaídas e os joelhos trôpegos; e faz[erem] caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado” (Hebreus 12:12, 13).

Precisamos lembrar que Jesus disse que “o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26:41) e a relevar as fraquezas carnis de nossos irmãos em Cristo. Se Jesus pôde tolerar as fraquezas humanas de seus discípulos, então nós podemos – e devemos – ser pacientes com nossos irmãos e irmãs em Cristo!

*Em quarto lugar, o amor de Cristo praticava o perdão.* Jesus perdoou até os que o crucificaram, orando: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). João registrou que Jesus perdoou Pedro por tê-lo negado. No último capítulo de seu Relato do Evangelho, João contou como Jesus apareceu aos apóstolos depois de terem passado a noite pescando sem nenhum peixe pegar e os fez pescar uma grande quantidade de peixes. Naquela ocasião, Jesus perguntou a Pedro três vezes: “Tu me amas?” Por três vezes, Pedro afirmou que sim. A cada vez, Jesus respondia dizendo algo como “apascenta os meus cordeiros” ou “pastoreia as minhas ovelhas” (21:15–17). Entre outras coisas, o fato mais claro que Jesus comunicou nessa conversa foi que ele havia perdoado Pedro, o apóstolo que o negou três vezes.

Praticar o perdão como Cristo pode ser o maior desafio para o cristão. Quando nossos irmãos nos magoam, achamos difícil perdoá-los. Nossa tendência é guardar rancores e cultivar mágoas. Amar como Jesus amou requer perdoar tanto quanto Jesus perdoou.

*Em quinto lugar, o amor de Cristo era universal.* Ele amou todo tipo de gente.

Jesus amava os ricos, como nos confirma a visita à casa de Zaqueu (Lucas 19:1–10) e o encontro com o jovem rico (Marcos 10:21).

Jesus amou os pobres. Ele mostrou compaixão pelos necessitados ao contar a história do rico e Lázaro (Lucas 16:19–31). Ele disse: “Bem-aventurados os pobres” (Lucas 6:20). Seu amor pelos pobres se evidencia no fato de que uma “grande multidão o ouvia com prazer” (Marcos 12:37).

Jesus amou os gentios. Ele curou a filha de uma mulher siro-fenícia (cananeia) (Mateus 15:21–28; Marcos 7:24–30). Ordenou que o evangelho fosse pregado a todas as nações (Mateus 28:18–20).

Jesus amou os samaritanos. Ele mostrou um respeito incomum por esse povo na parábola do bom samaritano (Lucas 10:25–37). Além disso, no relato da cura dos dez leprosos, as Escrituras observam que o único que voltou para agradecer foi um samaritano.

Jesus amou seus parentes e amigos. Ele providenciou que sua mãe fosse cuidada, pedindo que João a protegesse. Do alto da cruz, Jesus se referiu a ela, dizendo a João: “Eis aí a tua mãe!” (19:26, 27). Jesus amou seus amigos Maria, Marta e Lázaro (11:5). Ele passou um tempo com eles, os ensinou e chorou com eles; e até ressuscitou Lázaro dos mortos (11:1–44).

Jesus amou seus inimigos – incluindo os que o pregaram na cruz, pois ele disse: “Pai, perdoai-lhes” (Lucas 23:34). Jesus mostrou seu amor pelos inimigos ao tentar corrigi-los. Suas repreensões aos que o criticavam e tentavam prendê-lo não eram um sinal de ódio, mas de amor.

Jesus amou seus discípulos. João 13:1b diz: “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. Quando a família de Jesus tentou tirá-lo do meio das multidões, Jesus respondeu afirmando que seus discípulos eram a sua família (Marcos 3:31–35). Em João 14:21, Jesus disse: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele”.

Na noite em que foi traído, Jesus mostrou que amava seus discípulos lavando-lhes os pés. Em seguida, ele demonstrou seu amor por Judas: ao revelar que estava ciente de que Judas o trairia (13:21–30), Jesus parecia estar dando a Judas a oportunidade de mudar de ideia.

Jesus amou os pecadores. Ele mostrou misericórdia para com uma mulher pecadora que o

ungiu com perfume (Lucas 7:36–50) e perdoou a mulher adúltera que foi levada até ele (8:1–11). Jesus foi criticado por receber pecadores e comer com eles (Lucas 15:1, 2). E mostrou o seu amor pelos pecadores “pelo fato de ter... morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8).

Jesus amou a todos, incluindo os que não são amorosos, nem amáveis e os que eram desprezados. Se quisermos amar como Jesus nos amou, devemos amar a todos da maneira que ele amou.

Você ama as pessoas da maneira como Jesus amou? Se você não suporta estar perto de certos grupos de pessoas, se você restringe o seu amor à sua família, aos seus amigos e à sua classe social somente, você não ama como Jesus amou. Nesse caso, você ainda não passou no teste do verdadeiro discípulo.

*Conclusão.* Devemos amar os nossos semelhantes como Jesus nos amou. Ele amou de tal maneira que fez o melhor por todos – incluindo repreendê-los por seus pecados. Se amamos os outros, sempre buscaremos fazer o que é melhor para eles.

Jesus amou seus inimigos de tal maneira que os perdoou antes mesmo deles buscarem o seu perdão. Quando amamos as pessoas, estamos dispostos a perdoá-las assim que elas pecam contra nós; não esperamos que nos peçam perdão.

Jesus amou de tal maneira que passou a vida ajudando os outros. Talvez o sinal mais inequívoco de que amamos os outros como Jesus amou seja o serviço e a ajuda que prestamos ao próximo – em vez de querermos ser servidos. Deixe-me acrescentar que a melhor maneira de servir ou ajudar os outros é conduzindo-os a Cristo. O cristão que passa a vida tentando ajudar a salvar os perdidos realiza o maior serviço que qualquer ser humano pode prestar ao seu próximo.

Jesus amou de tal maneira que se sacrificou para salvar outros. Ele amou até o fim. Amamos o suficiente para morrer uns pelos outros? Nos primeiros séculos da igreja, os cristãos de fato morriam uns pelos outros. Se não houver em nós essa disposição de dar a vida pelos outros, não teremos aprendido a amar da maneira que Cristo amou.

Quando amamos os outros da maneira que Cristo amou, exibimos o crachá do discipulado. As pessoas serão capazes de nos identificar como cristãos, de saber que somos discípulos de Cristo, não pelo que vestimos ou falamos nem pela forma como adoramos, mas por causa do nosso amor!

Coy Roper